

**Premiação da primeira edição do ‘M’illumino / d’immenso’
Prêmio Internacional de Tradução de Poesia do Italiano para o Português**

A comissão julgadora:

Prisca Agustoni (Lugano, Suíça)

Poeta, docente universitária no Brasil, em Minas Gerais, traduziu em português poetas de língua italiana quais Fabio Pusterla, Franca Mancinelli, Paola Loreto, além de narradores da Suíça como Fleur Jaeggy, Agota Kristof e Bruno Pellegrino. Traduz poesia de língua portuguesa para a revista italiana *Internazionale*. Em 2023 ganhou o prêmio suíço de literatura com a obra *Verso la ruggine* (interlinea, 2022), também finalista no Prêmio Franco Fortini na Itália, e sempre em 2023, com o mesmo livro autotraduzido em português, *O gosto amargo dos metais* (7Letras, 2022) ganhou o Prêmio Oceanos.

Barbara Bertoni (Génova, Itália)

Traduziu mais de cinquenta volumes de ficção de espanhol, francês, catalão, português e inglês. Entre os autores traduzidos encontram-se Roberto Bolaño, Augusto Monterroso, Carmen Laforet, Alejo Carpentier, Georges Simenon, Valter Hugo Mãe, entre outros. Em 2015, criou o Laboratorio Trādūxit, uma oficina de tradução literária coletiva que tem como objetivo formar tradutores literários de italiano para espanhol e divulgar a literatura em língua italiana nos países de língua espanhola.

Pedro Eiras (Porto, Portugal)

Publicou obras de teatro, ficção, poesia, ensaio e outros géneros mais difíceis de definir. Tem diversos livros editados no Brasil e em França, Inglaterra, Itália, Roménia, poemas traduzidos em sete línguas, peças de teatro encenadas ou lidas em dez países. Com *Inferno* ganhou o Prémio Literário António Cabral, e com *Esquecer Fausto* o Prémio Pen Clube Português de Ensaio. Traduziu livros de Antonin Artaud, Edmond Jabès, Germaine Dulac, Paul Claudel, Victor Hugo, entre outros. É Professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Emanuel França de Brito (Rio de Janeiro, Brasil)

Professor de literatura italiana na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, Brasil, desde 2017. Atua na área de tradução como crítica literária; organizou e traduziu em português brasileiro o *Convívio* (2019) e o *Inferno* de Dante Alighieri (2021), além da *Retórica* de Brunetto Latini (2023) e da antologia Humanistas italianos (organizada por Raphael Ebgi), no prelo. Atualmente se dedica à tradução do *Purgatório*, também de Dante Alighieri.

A vencedora:

Mariangela Ragassi (Ourinhos, São Paulo).

Graduou-se em Artes Plásticas pela UNICAMP (1998) e trabalhou como designer e professora. Em 1997, recebeu da editora Melhoramentos o prêmio Uma Professora Muito Maluquinha. Desde 2006 vive na Itália, onde é tradutora e está concluindo o curso de graduação em Línguas e Culturas Estrangeiras na UNIPG. Como escritora, participou de publicações coletivas de contos e poesias, sendo a mais recente a antologia de contos *Antropocenas* (2024). Foi premiada no Mapa Cultural Paulista com o conto *Lucicleide na Janela* (2004) e publicou o romance *Memorial das Flores* (2015).

Menções honrosas:

Valentina Cantori (Trieste, Itália)

É tradutora e professora de Literatura Italiana na Universidade de São Paulo (USP). Traduz literatura italiana para o português e poetas da América Latina para o italiano; publicou a tradução de *Ancestral*, de Goliarda Sapienza (Âyiné, 2020).

Adriana Marcolini (Rio de Janeiro, Brasil)

É tradutora, jornalista e pesquisadora das migrações. Ministra cursos sobre temas ligados à imigração italiana. Graças ao financiamento à tradução, conquistado em edital da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, em 2017 lançou *Em Alto-Mar*, do original *Sull'Oceano* (1889), de Edmondo De Amicis (Editora Nova Alexandria/Istituto Italiano di Cultura de São Paulo). Entre os autores italianos que já traduziu estão Alberto Moravia e Maria Messina. É Pós-doutora em literatura italiana pela Universidade de São Paulo. Autora do guia *50 Livrarias de Buenos Aires* (Cotia: Ateliê Editorial, 2011).

Os poemas a serem traduzidos:

Gli abiti e i corpi

Ormai sfibrate le asole e sapienti
Rammendi qua e là – ma gli abiti
Sembravano come nuovi. Egli
Accurato ogni sera li deponeva
Sopra una sedia – quali
Che fossero l'umore o la stabilità
L'uxorio brontolamento che lo affliggeva.

E deponeva con essi il tic-tac
Che gli scandiva giorni e notti, l'oriolo
Da tasca con una croce
Elvetica in campo rosso – emblema
Di esattezza agganciato a una teca di cristallo
Con dentro una trapunta di velluto
In attesa di reliquie microscopiche.

Gli abiti duravano anni:
Il nero, il grigetto, un altro a spina di pesce.
E ognuno col suo panciotto sul quale durante il giorno
La catenella che pareva di diamanti
Tra un'asola e l'oriolo nel taschino si stendeva.
Lui certe sere era greve di vino.
Si spogliava nel sonno, puntava al mattino.

Ma si destava fresco come certe volte io
Adesso forse più vecchio di quella sua età,
Che lo sbirciavo ritrovare le sue spoglie:
La giacca dignitosa, i pantaloni
Dall'impeccabile piega. E perché
Non dire del fregio rosa sulle mutande?
Perché tacere il colletto inamidato?

Tutto così ringiocondiva a ogni
Risveglio – sbarbato e tranquillo
E di un colore chiaro se distese dal riposo
Sbiadivano sulle guance le venuzze capillari.
Quale decoro l'abito
Rinnovato ogni giorno, restaurato
Dal persistere della giovinezza!

Dico il nero, il grigetto, un altro a spina di pesce
E un quarto credo ereditato da un parente
Defunto: duravano anni.
Io li spiavo mattina dopo mattina
E lui spiavo impassibile a tutto:
Al passare del tempo,
Al male dei creditori.

Giovanni Giudici, *Il male dei creditori*, Milano, Mondadori, 1977.

Cnidaria (Frammento)

Spazi
prima di tutto
unici colori
abitabili
edificati
in un quasi alto
in una quasi
direzione
non interno
spazi
scivolano
di millimetri
enormi
quanto non possono
schiacciano

Rosso
si riprende
le correnti
le mangia
compatto
appena sopra
il bianco
l'uscita ultima
non d'emergenza
piatto
elabora
parti insignificanti

ne fa cumuli
e poi
spazi

Grigio
scorre
sale lungo l'uscita
una parete
l'ha riempita
appeso all'acqua
al cemento
un blocco calmo
caldo
grigio
non lampeggia
parla
guide opache
in direzione
esterno
parla

Giallo
fiorisce
per meno
luce
si dirama
la mangia
solo quanto basta
sembra nero
ripreso
dall'acqua
giallo
ancora spegni
dicendo

Nero
stendendosi
tutto superficie
piatto
pellicola
misurata in corpi

scivolando
in metri
a partire
dall'alto
solo per noi
angoli
uscite
in trasparenti
strappi

Digerita
una volta
alla seconda
è diventata
roccia
acqua pesantissima
a fondo
precipitata
– masticala
tu
diceva quello
in alto
– corallo
pensava
ancora
corallo

Mille tentacoli
e mille bocche
un'immagine di quiete
bagnate anche le
ultime case
– non vedi la distruzione? –
chiedo
Non
l'abisso risponde
srotolandosi
ma il pigmento
rosso
delle alghe
Siamo
tra una luce
e l'altra

la superficie
e la sua rete

Laura Accerboni, *Il prima e il dopo dell'acqua*, Torino, Einaudi, 2024.

As traduções de Mariangela Ragassi:**Os trajes e os corpos**

Casas de botão já carcomidas e engenhosos
Cerzidos aqui e ali – mesmo assim os trajes
Pareciam novos. Ele
Cuidadoso, acomodava-os todas as noites
Sobre uma cadeira – quaisquer
Que fossem o humor ou a estabilidade,
Os murmúrios uxórios que o afligiam.

E com eles acomodava também o tique-taque
Que cadenciava seus dias e noites, o relógio
De bolso com uma cruz
Helvética em um campo vermelho - emblema
De precisão acoplado a uma caixa de vidro
Com um acolchoado de veludo por dentro
À espera de relíquias microscópicas.

Os trajes duravam anos:
O preto, o cinzento, um outro com padrão chevron.
E cada um com seu colete em que durante o dia
A corrente que parecia feita de diamantes
Entre uma casa de botão e o relógio no bolso, estendia-se.
Ele, nalgumas noites, saturava-se de vinho.
Despia-se dormindo, adiava tudo para a manhã.

Mas acordava fresco como, às vezes, eu
Agora talvez com mais idade que aquela sua,
Que o espreitava encontrando os seus despojos:
O paletó distinto, as calças
Impecavelmente vincadas. E por que
Não falar do friso rosa no calção?
Por que não mencionar o colarinho engomado?

Assim, tudo se revigorava ledamente a cada
Despertar - barbeado e calmo
E de cor clara quando relaxadas pelo repouso
Esmaeciam nas bochechas as veias diminutas.
Que decoro o traje
Renovado todos os dias, restaurado
Pela persistência da juventude!

Falo do preto, do cinzento, de um outro com padrão chevron
E de um quarto, acrelito, herdado de um parente
Falecido: eles duravam anos.
Eu espiava-os a cada manhã
E ele, eu espiava-o impassível a tudo:
À passagem do tempo,
Ao mal dos credores.

Cnidaria (Fragmento)

Espaços
antes de tudo
únicas cores
habitáveis
edificados
num quase alto
numa quase
direção
não interno
espaços
deslizam
milímetros
enormes
quanto não podem
esmagam

Vermelho
recolhe
as correntes
come-as
compacto
logo acima
do branco
a saída última
não de emergência
plano
elabora
partes insignificantes
amontoa-as
e depois
espaços

Cinza
desliza
sobe ao longo da saída
uma parede
encheu-a
pendurado na água
no cimento
um bloco calmo
quente
cinza
não pisca
fala
guias opacas
em direção
externo
fala

Amarelo
floresce
por menos
luz
ramifica-se
come-a
só o necessário
parece preto
retirado
da água
amarelo
ainda apaga
dizendo

Preto
estendendo-se
todo superfície
plano
película
mensurada em corpos
deslizando
em metros
a partir
de cima
só para nós

ângulos
saídas
em transparentes
rasgos

Digerida
uma vez
na segunda
tornou-se
rocha
água pesadíssima
no fundo
precipitada
– mastiga-a
tu
dizia aquele
em cima
– coral
pensava
ainda
coral

Mil tentáculos
e mil bocas
uma imagem de calma
molhadas também as
últimas casas
– não vês a destruição? –
pergunto
Não
o abismo responde
desenrolando-se
mas o pigmento
vermelho
das algas
Somos
entre uma luz
e outra
a superfície
e a sua rede